



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

Maria Letícia França de Moura

Relatório Técnico
Quando as ruas falam:
Histórias de vidas extraordinariamente reais

Natal, 2021

Maria Letícia França de Moura

Relatório Técnico
Quando as ruas falam:
Histórias de vidas extraordinariamente reais

Relatório Técnico referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do tipo projeto experimental, apresentado em cumprimento às exigências do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) para obtenção do diploma de graduação.

Orientação: Prof^ª. Dra. Janaina Dias Barcelos

Natal, 2021

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes - CCHLA

Moura, Maria Letícia Franca de.

Relatório técnico - Quando as ruas falam: histórias de vidas extraordinariamente reais / Maria Letícia Franca de Moura. - 2021. 58f.: il.

Relatório Técnico (graduação) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janaina Dias Barcelos.

1. Livro-reportagem - Relatório Técnico. 2. Pessoas em situação de rua - Relatório Técnico. 3. Vulnerabilidade social - Relatório Técnico. 4. Jornalismo literário - Relatório Técnico. I. Barcelos, Janaina Dias. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 070:316.35

Maria Letícia França de Moura

Relatório Técnico

Quando as ruas falam:

Histórias de vidas extraordinariamente reais

Relatório Técnico referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do tipo projeto experimental, apresentado em cumprimento às exigências do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) para obtenção do diploma de graduação.

Orientação: Prof^ª. Dra. Janaina Dias Barcelos

Aprovado pela banca examinadora em 08 de setembro de 2021

Prof^ª. Dra. Janaina Dias Barcelos

Orientadora - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Antonino Condorelli - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^ª. Me. Kassandra Lopes - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Para todas as pessoas que tiveram as vozes abafadas e as vidas invisibilizadas.

Agradecimentos

Tenho tanto a agradecer. Uma das sensações mais reconfortantes é olhar para o lado e saber que tenho com quem contar. A caminhada fica mais leve quando compartilhada. Escrever é um ato solitário, mas este trabalho e o livro-reportagem que o acompanha certamente é um somatório de todo o incentivo, amor e apoio que recebi pelas estradas da vida.

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e da escrita.

Ao meu pai, Júnior, por não me deixar desistir. À minha mãe, Fátima, por ser consolo nos dias difíceis. Ao meu irmão, Filipe, por me acompanhar nas entrevistas. À minha irmã, Beatriz, por ouvir meus desabafos quase diários. Ao meu grande amor e companheiro de vida, André, por me lembrar, todos os dias, que tudo vai dar certo. Aos meus avós, Zé e Rita, por compreenderem meus passos apressados e me abençoarem todas as vezes que cruzo a porta de casa.

À professora Janaina Barcelos, pela orientação impecável durante toda a construção deste livro e por me inspirar a trilhar o caminho do Jornalismo humanizado, sensível e transformador. À professora Célia, por toda generosidade com que me encaminhou à jornada acadêmica, por me incentivar durante toda a graduação e, claro, pelo lindo prefácio que abrilhanta o livro. A todos os professores e educadores com os quais cruzei na minha vida: obrigada pela nobre missão de ensinar!

Ao missionário Tennessee Mendes, por viabilizar os encontros com as histórias que compõem este livro e por toda dedicação ao projeto Shalom Amigo dos Pobres. Estendo o agradecimento à missionária Adriana Vasconcellos e a todos os voluntários que me acolheram nas ações e me ensinaram tanto sobre humanidade, empatia e amor. O mundo é um lugar melhor porque vocês existem. Agradeço também ao fotógrafo e voluntário Ewiton Moura, por fazer lindos registros das ações e gentilmente cedê-los para ilustrar este meu trabalho.

Às minhas melhores amigas, Bia e Julia, por estarem ao meu lado desde a infância e por serem verdadeiros anjos da guarda em minha vida. Aos meus amigos do ‘Balão Mágico’, Endy, Mireli, Yuana, Penélope, Igor e Willian, por colorirem os meus dias e por serem os melhores presentes que o IFRN poderia me dar.

Aos amigos da UFRN, Dani, Bruno, Michelle, Mariana, Naiara e tantos outros que dividiram comigo as alegrias e angústias da graduação. E novamente a Endy, minha eterna duplinha, por estar ao meu lado não só no ensino médio, mas também na faculdade. Agradeço também aos amigos das redações de jornais, de ontem e de hoje, pelos conselhos e ensinamentos compartilhados. Descobrir o Jornalismo com vocês tem sido uma grata aventura.

Um agradecimento mais que especial a Wagner, Tia Maria, Tia Vera, Faísca, Sandra e a moça bonita de rosto de boneca, personagens que dão vida a este livro, por escancarar as portas de suas histórias e me permitirem traduzir em palavras tudo que vocês têm a dizer. Quem dera o mundo também parasse para ouvi-los!

Por fim, agradeço a você que leu ou lerá este livro. Foi para você que ele foi escrito. “Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.” (Mário Quintana)

Um ser humano, qualquer um, é infinitamente mais complexo e fascinante do que o mais celebrado herói. (Eliane Brum)

Resumo

Este trabalho apresenta o relato técnico do processo de elaboração do livro-reportagem “Quando as ruas falam: histórias de vidas extraordinariamente reais”, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do tipo Projeto Experimental, para o curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O objetivo é reunir seis histórias de pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, atendidas pelo projeto Shalom Amigo dos Pobres, no âmbito da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Como resultado, evidencia-se o que há por trás das vidas socialmente invisibilizadas e se traz à tona os desafios enfrentados por essa parcela da sociedade frente à desigualdade social. Utilizando recursos do Jornalismo Literário, o trabalho reflete também o processo imersivo da autora na realidade citada, ao passo que provoca reflexões sobre esse cenário.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Jornalismo; Pessoas em situação de rua; Vulnerabilidade social

Abstract

This work presents the technical report of the process of elaboration of the book-report “When the streets speak: stories of extraordinarily real lives”, as a Course Completion Paper (TCC), of the Experimental Project type, for the Journalism course at the University Federal of Rio Grande do Norte (UFRN). The objective is to gather six stories of people living on the streets and/or socially vulnerable, assisted by the Shalom Amigo dos Pobres project, within the city of Natal, capital of Rio Grande do Norte. As a result, it highlights what is behind socially invisible lives and punctuates the challenges faced by this portion of society in the face of social inequality. Using Literary Journalism, the work also reflects the author's immersive process in the aforementioned reality, while it provokes reflections on this scenario.

Keywords: Report book; Journalism; Homeless people; Social vulnerability

Sumário

1 Introdução	10
2 Referencial Teórico	17
3 Metodologia	27
4 Processo de desenvolvimento do produto	31
4.1 Primeiras entrevistas	32
4.2 Adiamento do TCC	36
4.3 Recomeço	37
4.4 Processo de escrita, revisão e diagramação do livro-reportagem	42
5 Conclusão	45
Referências	49
Anexos	51

1 Introdução

Este presente relatório é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Trata-se de um Projeto Experimental com foco na produção de um livro-reportagem intitulado “Quando As Ruas Falam”. Utilizando a abordagem do Jornalismo Literário, a obra traz à tona seis perfis jornalísticos de pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, no âmbito da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, ao passo que narra, com riqueza de detalhes, a experiência imersiva da repórter no contexto citado.

No que tange à abordagem temática desta pesquisa, é possível contextualizar que, de acordo com o Worldometers¹, site que atualiza em tempo real as estatísticas mundiais, atualmente existem cerca de 7,8 bilhões de habitantes no planeta Terra. Pessoas de diferentes países, raças e culturas, movimentando-se pelo mundo e construindo suas próprias narrativas de vidas. Nesse contexto, o tempo, ou melhor, a “falta de tempo”, nunca esteve tão em ênfase quanto no momento atual. A velocidade das rotinas parece ter aumentado intensamente nas últimas décadas, corroborando para uma sociedade cada vez mais submersa nos seus próprios dilemas e conflitos pessoais. Aos olhos dos apressados, o mundo ao redor se apresenta deformado, e as relações interpessoais se limitam à superficialidade causal. O enxergar o outro e desvendar o que ele carrega consigo, histórias, traumas, dores, alegrias, experiências, têm sido atitudes cada vez mais raras.

Para compreender esse cenário, recorre-se ao conceito de invisibilidade social, citado por Gachet (2007), utilizado para caracterizar os seres socialmente invisíveis. Colocados normalmente à margem da sociedade, esses grupos tornam-se invisíveis em razão de diversos fatores, sociais, econômicos, culturais, históricos, emocionais, dentre outros. No âmbito do Jornalismo, a temática já foi abordada anteriormente, a exemplo do livro “A Vida Que Ninguém Vê” (2006), da jornalista Eliane Brum, no qual a autora reúne crônicas jornalísticas que trazem à tona personagens que dificilmente seriam notícia. Inspirada pelas narrativas de Eliane Brum e utilizando a invisibilidade social como fio condutor, este projeto experimental pretende ir ao encontro das pessoas socialmente invisíveis e, após um atento processo de

¹ Acesso em: 31 ago. 2021.

escuta acerca dessas histórias, responder a seguinte pergunta norteadora: “O que há por trás de vidas que ninguém vê”?

Seguindo essa linha de raciocínio, rememora-se a pandemia da Covid-19 e a forma como a doença tem gerado efeitos alarmantes, especialmente em parcelas mais vulneráveis e marginalizadas da sociedade. A crise global causada pelo novo coronavírus escancarou a maneira como uma pandemia impacta determinados grupos sociais de forma assimétrica. A parte invisibilizada da sociedade, normalmente formada pelas pessoas em situação de rua e/ou em vulnerabilidade social sofrem, de maneira ainda mais intensa, as consequências da realidade pandêmica

Foi necessário que uma doença nefasta atingisse a humanidade para que parte da sociedade descobrisse que outra parte dela é formada por “invisíveis”. Estes últimos sofrem, de maneira ainda mais intensa, as consequências da realidade pandêmica, como é o caso da população em situação de rua e/ou moradores de regiões periféricas. O Brasil é apontado como um dos países mais desiguais do planeta. É o oitavo pior em diferença de renda, segundo relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), divulgado em dezembro de 2020. Entre os prejuízos trazidos com a pandemia está não só o aumento da pobreza, mas também da fome: de 2018 a 2020, quase 9 milhões de pessoas a mais passaram a viver em situação de fome no país, como revelou o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.

A ausência de condições básicas de sobrevivência é refletida nas ruas, com cada vez mais pessoas vivendo sem moradia. Trazendo para o contexto em que este trabalho se aplica, a Secretaria Municipal de Habitação, Regularização Fundiária e Projetos Estruturantes (Seharpe) estima que, atualmente, cerca de 3 mil pessoas têm a rua como moradia na capital potiguar. Esse número era de 400 no início da pandemia, revelando um aumento de 650% de pessoas nessa situação durante o ano de 2020.

Diante desse cenário e da ausência de políticas públicas suficientes para atender essa população, faz-se crucial a existência de projetos sociais de acolhimento às pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social. Um exemplo é a campanha Shalom Amigo dos Pobres, promovida pela Comunidade Católica Shalom, que ganhou força especialmente no período de pandemia da Covid-19. Segundo os organizadores, a iniciativa tem o objetivo de levar apoio e acolhimento para as pessoas em situação de rua e para famílias em situação de vulnerabilidade social na cidade de Natal.

Com auxílio de voluntários e doações, o Shalom Amigo do Pobres promove ações sociais para apoio a essas pessoas, por meio da entrega diária de almoços, cestas básicas, auxílio com cuidados básicos de higiene pessoal e orientação sobre as medidas de biossegurança adotadas durante a pandemia da Covid-19. Além disso, por se tratar de uma iniciativa religiosa, os voluntários também fazem o acolhimento espiritual aos atendidos. As ações ocorrem três vezes por semana na praça Padre João Maria, por trás da antiga Catedral, no bairro Cidade Alta.

Por fim, esse panorama acerca da população em situação de rua e/ou vulnerabilidade social avança a discussão quanto aos fatores que contribuem para a manutenção da desigualdade social. A má distribuição de renda, a má administração de recursos públicos, a lógica de mercado do sistema capitalista, a falta de investimento nas áreas sociais, em cultura, em assistência a populações em vulnerabilidade socioeconômica, em saúde e em educação, além da falta de oportunidades de trabalho, demonstram que ainda não há respostas estruturadas para tratar essa problemática. É preciso ultrapassar a barreira da invisibilidade social e voltar o olhar para os mais vulneráveis, dando-lhes a oportunidade de serem vistos, ouvidos e tratados de maneira digna.

Este trabalho nasceu, portanto, com o propósito de ir ao encontro de pessoas socialmente invisibilizadas e, após um atento processo de observação e escuta, responder à seguinte pergunta norteadora: “O que há por trás de vidas que ninguém vê”? A fim de decifrar essa questão, os personagens utilizados como fonte para a produção deste projeto experimental foram as pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social atendidas pelo projeto Shalom Amigo dos Pobres, em Natal, o qual atuou como mediador entre a repórter e elas. Como explicado anteriormente, a escolha por esse grupo se deu em razão da insuficiente atenção prestada a ele, não somente no contexto da assistência pública, mas também na atual conjuntura social do país.

Essas pessoas são marginalizadas e invisibilizadas, sobrevivendo da ajuda e de doações dos poucos indivíduos que se voluntariam. A sociedade, apressada em sua própria rotina e tomada de egoísmo, tem dificuldade de parar para enxergar os que sofrem. O Estado falha ao não promover políticas públicas eficientes para garantir o direito à moradia, à saúde, à alimentação, ao trabalho, dentre tantos outros, fundamentais para todo e qualquer ser humano viver com dignidade. São vidas invisíveis, que passam despercebidas e que, infelizmente, quase ninguém vê.

Frente a essa conjuntura e, a partir da pergunta norteadora, foi possível traçar novas questões para serem investigadas ao longo deste trabalho, tais como: quais histórias as pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social carregam consigo? Quais desafios elas tiveram que enfrentar ao longo da vida? Elas sofrem com a ausência de oportunidades e assistência? Elas se sentem invisíveis à sociedade? De que forma os projetos sociais são importantes para amenizar a falta de políticas públicas eficientes? Será que, apesar de tudo, existem histórias de superação? Quais ensinamentos essas pessoas podem passar para quem está disposto a ouvi-las?

Tendo em vista alcançar as respostas para essas questões, foi elencado como objetivo geral deste trabalho produzir um livro-reportagem perfil com as histórias de pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social que vivem na cidade de Natal/RN e são assistidas pelo projeto Shalom Amigo dos Pobres, evidenciando a desigualdade social.

Para essa finalidade, delineou-se objetivos específicos, como visitar a sede do projeto Shalom Amigo dos Pobres; observar o cotidiano das pessoas assistidas pelo projeto; identificar as possíveis fontes para a produção do livro-reportagem; entrevistar as fontes, conduzindo o processo de escuta para temas como histórias de vida, dores, conflitos, medos, inseguranças, experiências e sonhos; registrar todos os relatos por meio de recursos jornalísticos (texto, áudio e foto); investigar o contexto social e econômico das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social; evidenciar os desafios da desigualdade social; e registrar todas as etapas da produção para inserir no relatório técnico.

Na elaboração do projeto deste trabalho, levantaram-se hipóteses acerca do grupo analisado, a fim de que, à medida que o processo avançasse, esses pontos fossem comprovados ou descartados. Dentre os pontos abordados, estavam as seguintes suposições: as pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social teriam muitas histórias para contar; esses grupos sofreriam por se sentirem abandonados pela sociedade e poder público; eles reconheceriam que, na maioria das vezes, são invisíveis à sociedade; os relatos de vida dessa população evidenciarão a desigualdade social existente no Brasil; apesar das dores, eles mostrariam depoimentos de resiliência; os projetos sociais, como o Shalom Amigo dos Pobres, atuam de maneira fundamental na assistência a essas pessoas. Ao final deste trabalho, concluiu-se que todas as hipóteses previamente citadas foram admitidas.

Quanto à elaboração do TCC, como dito anteriormente, pretendeu-se utilizar o tipo denominado Projeto Experimental, com foco na construção de um livro-reportagem. Sobre

esse gênero, Lima (2014) destaca que ele se insere de maneira expressiva nos cursos de Jornalismo, sendo uma alternativa interessante para os que estão em busca de construir um produto jornalístico ao final da graduação:

No Brasil, o livro-reportagem tem desempenhado um papel fundamental de porta de entrada ao jornalismo literário para muita gente que está chegando à profissão. Não é grande o número de cursos de jornalismo que oferecem a disciplina de jornalismo literário, nas faculdades de universidades. Mas é respeitável o número de instituições que dão suporte ao livro-reportagem, especialmente no trabalho de conclusão de curso (TCC), exigido aos candidatos a jornalismo graduados da área. No final da década de 1980 e nos primeiros anos da década seguinte, quando o jornalismo literário está praticamente esquecido nas redações de imprensa, é em torno do livro-reportagem, nas instituições de ensino, que a chama se sustenta. Refúgio sagrado. (LIMA, 2014, p. 79)

O formato escolhido para este trabalho se desenvolveu na vertente do Jornalismo Literário, procurando seguir uma abordagem humanizada. Pena (2006), por meio da concepção de estrela de sete pontas, propõe a definição do termo Jornalismo Literário, compreendido como uma área da Comunicação que traz sete características fundamentais: potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. Assim, este trabalho pretende seguir todas as características citadas.

Durante o processo de escolha do grupo - pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social -, foram levados em consideração aspectos como o grau de invisibilidade dessas pessoas diante da sociedade, o interesse em conhecer cada uma dessas histórias, o escasso diálogo sobre as dores desse grupo e as condições de acesso a essas fontes. A ideia foi visitar o local de atuação do projeto Shalom Amigo dos Pobres, em Natal, tendo como enfoque as histórias das pessoas assistidas pelas ações, procurando ouvir diferentes personagens e, conseqüentemente, descobrir os relatos de vida que a experiência pode promover. Por meio dessa iniciativa, foi possível descobrir quais histórias, sentimentos, perspectivas e ensinamentos essa população, geralmente invisível aos olhos da sociedade, traz consigo. Isto é, uma tentativa de tornar visível aquilo que ninguém vê e denunciar a desigualdade social que também assola a capital potiguar.

Para isso, a pesquisa utilizou técnicas jornalísticas que permitiram a captação das histórias, como observação participante, entrevista e processo de escuta, além de recursos como equipamentos de áudio e foto. Por se tratar de um livro-reportagem, a produção estética

foi construída com apoio de um diagramador - profissional especializado em diagramação de livros (capa e corpo), sendo o responsável por organizar e distribuir elementos gráficos, como textos, fotos e ilustrações, pelas páginas do produto, seguindo as normas específicas da diagramação.

Este trabalho se justifica devido à relevância que a temática escolhida tem para a sociedade, podendo o produto jornalístico ser utilizado como instrumento de conscientização acerca da invisibilidade e da desigualdade sociais que afetam parcelas socialmente vulneráveis da população. Diante dos dados da Secretaria Municipal de Habitação, Regularização Fundiária e Projetos Estruturantes (Seharpe), os quais apontam que, durante a pandemia, a população em situação de rua cresceu 650% em Natal, e que, atualmente, 93 mil pessoas estão inscritas em programas habitacionais à espera de imóveis na capital, este projeto experimental, ao passo que coloca os “invisíveis” em ênfase, propõe levantar uma reflexão acerca da ineficiência dos órgãos governamentais no que se refere às políticas públicas para acolher as pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, bem como erradicar a antiga problemática da desigualdade.

Por meio das histórias coletadas, também foi possível revelar o que há por trás dessas vidas que, na maioria das vezes, passam despercebidas aos olhos de uma população cada vez mais apressada. Além disso, possibilitou um novo olhar desses personagens sobre suas próprias histórias, retirando deles o estigma da invisibilidade social e situando-os em porta-vozes de si e de seus semelhantes.

No que se refere ao âmbito da Comunicação, este trabalho, de caráter experimental, visou ao reconhecimento da desigualdade social, utilizando o jornalismo como estratégia não somente de denúncia, mas também de difusão, objetivando a conscientização. Além disso, a construção do livro-reportagem foi uma maneira de valorizar as narrativas mais aprofundadas, indo de encontro à velocidade da produção de conteúdo que existe atualmente nas redações de jornais e que acaba por reduzir a qualidade dos produtos jornalísticos. Lima (2014) demonstra perfeitamente a relevância do Jornalismo Literário frente a essa realidade:

A tradição do jornalismo literário é forte, suas ferramentas de trabalho - postura de repórter, observação da realidade, vivência de experiências, inúmeras técnicas narrativas - são comprovadas, os grandes mestres narrativos de todos os tempos encorajam a todos nós. Tudo isso é ótimo, mas não basta. (...) Que a mídia investigue e denuncie as coisas ruins. É um papel social e relevante. Mas que não exagere, abandonando, como faz muitas vezes, a oportunidade de mostrar acontecimentos construtivos. Pois para cada ação negativa todo dia, há gente

fazendo coisas transformadoras, dignificantes. É uma questão de ter igual boa vontade para com as histórias que não se limitam a expor a crueldade, nem a terrível ignorância do ser humano com relação a ele mesmo, ao semelhante, ao ambiente, à vida. É uma questão de também contar, com igual maestria estética, histórias de pessoas que superam as adversidades, que não caem no autoengano coletivo de que a vida é mesmo um beco sem saída. (...) Fazendo isso, o jornalismo literário estará, de verdade, usando a sua preciosa arte narrativa da vida real para um propósito nobre: ajudar a construir um mundo efetivamente melhor. (LIMA, 2014. p.84)

Nesse sentido, no contexto da área acadêmica, este trabalho também pode trazer contribuições para a vertente do Jornalismo Literário, despertando nos futuros profissionais a inspiração para explorar uma comunicação mais humanizada e empática, como também contribuindo para o incentivo à leitura e à valorização dos livros.

Ademais, a temática abordada neste estudo pode ser um ponto de partida para novas inquietações e continuidade da investigação não somente sobre as pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, mas também sobre a invisibilidade social de diversos outros grupos. Dessa forma, abre espaço para novos personagens, na constante busca por respostas para a pergunta que norteia este estudo: “O que há por trás de vidas que ninguém vê”?

2 Referencial Teórico

No âmbito jornalístico, a reportagem certamente é um dos gêneros mais relevantes, uma vez que permite um trabalho de aprofundamento na temática, ressaltando diversos aspectos e perspectivas. Como define Lage (2005), a reportagem constitui a maior parte da produção jornalística moderna e, diferentemente das notícias cotidianas - que pressupõem apresentação bem mais sintética e fragmentária - esse gênero textual não é apenas uma estruturação de dados convenientemente tratados, mas sim a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente. Ainda no sentido comparativo, o autor explica que, enquanto a notícia trata de um acontecimento que contém elementos de ineditismo, atualidade e proximidade, a reportagem trata de um assunto, determinado ou não, por um fato gerador de interesse. Além disso, a notícia não depende, em regra, das intenções dos jornalistas, ao passo que a reportagem decorre justamente da intenção e da visão jornalística dos fatos.

Um ponto, no entanto, levado em consideração, nos jornais impressos e até no jornalismo online da atualidade, é o limite de linhas. O espaço destinado para a reportagem, ainda que seja maior que o reservado para as notícias do dia a dia, ainda pode se tornar limitante para o repórter. Por isso, diante da necessidade de trazer um aprofundamento sobre um determinado tema, o livro-reportagem surge como alternativa. Dessa forma, este trabalho é construído tendo como base esse formato jornalístico que permite escrever sobre o fato de maneira mais minuciosa. Como ressalta Lima (2014, p. 77), é no livro-reportagem que muitos autores podem “produzir obras de fôlego, reunindo às vezes diversos tipos de formatos narrativos no mesmo trabalho. Trechos que são perfis de personagens particulares, outros que traçam um retrato operacional de algum lugar, capítulos que discutem questões cruciais”.

Em um momento de ascensão das novas tecnologias e das mídias sociais, as pessoas tendem a querer consumir as informações de maneira cada vez mais rápida. E, para atender a essa demanda, os próprios conteúdos passaram a ser produzidos quase que instantaneamente, prejudicando, muitas vezes, o processo de checagem dos fatos e o detalhamento da narrativa. Com isso, acreditamos ser fundamental que existam profissionais da comunicação dispostos a desacelerar o ritmo e se debruçar sobre as histórias como um todo, proporcionando ao público não só uma visão ampla e aprofundada sobre os fatos, mas também uma experiência de

imersão mais lenta, que vai de encontro à correria das novas gerações. Vale destacar também que, apesar das transformações recentes no cenário da comunicação, um aspecto não mudou: as pessoas seguem gostando de contar e ouvir histórias. Por isso, há espaço para ambas as iniciativas:

O livro-reportagem segue firme. Como estamos na era digital globalizada, outros ambientes de comunicação surgem. E o jornalismo literário se adapta, encontra seu espaço, experimenta combinar a narrativa com novos recursos tecnológicos. (...) É isso. Tecnologia. Futuro. O jornalismo literário se renova. Segue. Adapta-se. Como sempre fez. Como sempre poderá continuar a fazer. Aproveitando sua essência que transcende o tempo. Pois sua força reside naquela velha, imutável e perene tradição do ser humano adorar histórias, contar histórias, precisar de histórias. Não vivemos sem elas. Essa é a chance de a literatura da realidade honrar sua tradição, em velhos e novos meios”. (LIMA, 2014, p. 80, 84)

No que concerne à conceituação do livro-reportagem, Lima (1995) evidencia que essa publicação jornalística pode ser compreendida como:

Veículo de comunicação jornalística não-periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo, bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas, emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1995, p.7)

O livro-reportagem vai além e ultrapassa as barreiras do jornalismo cotidiano, encontrando no percurso outras áreas do conhecimento, a exemplo da literatura. Sobre isso, Lima (1995) reforça que essa manifestação jornalística pode ser traduzida como o resultado mais latente da união entre jornalismo e literatura. Um romance que busca uma linguagem aprofundada, cujo objetivo reside em intensificar a utilização de elementos narrativos para estruturar seu relato. É, assim, um subsistema híbrido, que incorpora procedentes operacionais do jornalismo – pauta, temática, redação e edição – com condicionamentos literários e editoriais – elementos narrativos, mercado, público, esquemas de distribuição (LIMA, 1995).

Ainda nesse sentido, Lima (1995) classifica o livro-reportagem de acordo com uma ordem temática, propondo tipificações, entre as quais optamos pela livro-reportagem perfil²

² As outras classificações de Lima (1995) são: livro-reportagem depoimento, que reconstitui um acontecimento importante e relevante; livro-reportagem retrato, o qual focaliza em uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento de atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto específico; livro-reportagem ciência, com o propósito de divulgação científica; livro-reportagem ambiente, vinculado aos interesses ambientais, às causas ecológicas; livro-reportagem história, que focaliza um tema do passado recente

para nosso trabalho, categoria que busca “evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (LIMA, 1995, p. 45). O perfil, portanto, traz como marca registrada a habilidade de colocar a pessoa e suas histórias como o centro da narrativa. Nesse sentido, diferentemente das demais produções jornalísticas, que procuram traçar retratos sociais mais amplos, ele atua com o propósito de desvendar a pessoa em si, de compreendê-la na sua complexidade e nos seus contrastes de ser humano único e singular.

O perfil faz um trabalho intuitivamente psicológico de retratar a pessoa sob uma projeção de luz mais completa, capaz de iluminar tanto seus atos externos, no mundo que conhecemos, como seus conteúdos internos, da psique, desconhecido por nós. São conteúdos, trazidos à consciência, que nos ajudam a compreendê-la de forma mais completa, como ser humano inteiro. (...) Esse é o espírito do perfil. Compreender a pessoa na sua grandeza e na sua finitude. Não julgá-la, nem defendê-la, nem condená-la. Compreendê-la. (LIMA, 2014, p. 60, 61)

Cabe ao repórter, portanto, a missão de ir a campo observar e pesquisar momentos selecionados da vida do seu personagem e combiná-los com um texto com recursos literários que traduza as histórias descobertas. É uma verdadeira experiência imersiva. Como defende Lima (2014, p. 69), “o autor só consegue conhecer bem a realidade se mergulha nela sem reservas, atento, vivendo a vida das pessoas e dos grupos sociais que habitam aquele local. Tenta deixar de fora seus preconceitos”.

Como o perfil é uma estrutura narrativa, a sua construção pode demandar o emprego de recursos do Jornalismo Literário. Pena (2006), por meio da concepção de estrela de sete pontas, propõe a definição do termo Jornalismo Literário, compreendido como uma área da Comunicação que traz sete características fundamentais: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. A

ou algo mais distante no tempo; livro-reportagem nova consciência, voltado a temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas; livro-reportagem instantâneo, que se debruça sobre um fato recém-concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados; livro-reportagem atualidade, o qual aborda temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos; livro-reportagem antologia, que reúne reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas; livro-reportagem denúncia, com propósito investigativo; livro-reportagem ensaio, que tem como forma a postura de ensaio, com presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema; e livro-reportagem viagem, o qual apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica.

fim de trazer mais detalhes quanto à abordagem do Jornalismo Literário, Pena (2006) explica cada uma das setes pontas da estrela:

1. **Potencializar os recursos do jornalismo:** sobre esse primeiro ponto, o autor defende que o jornalista literário deve desenvolver os recursos do jornalismo convencional de tal maneira que acabe constituindo novas estratégias profissionais. Ou seja, os princípios da redação continuam extremamente importantes, a exemplo da apuração rigorosa, observação atenta, abordagem ética e capacidade de se expressar claramente, porém de forma mais desenvolvida.
2. **Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano:** quanto a isso, o autor sugere que o jornalista literário deve romper com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não deve estar enjaulado pelo *deadline*, nem se preocupar que o seu texto seja atual.
3. **Proporcionar uma visão ampla da realidade:** nesse ponto, o autor ressalta que não se deve entender por visão ampla um pleno conhecimento do mundo que nos cerca. Até porque qualquer abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, uma interpretação, por mais completa que seja. No entanto, a preocupação do Jornalismo Literário deve ser no sentido de contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração.
4. **Exercer plenamente a cidadania:** de acordo com Pena (2006), esse é um conceito tão gasto que parece esquecido, mas que o jornalista literário não pode ignorar, visto que é seu dever e compromisso com a sociedade. Na escolha do tema, deve-se pensar em como a abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade.
5. **Romper as correntes burocráticas do lide:** como lembra o autor, o lide é uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século passado, com o intuito de conferir objetividade à imprensa. Trata-se do primeiro parágrafo de uma notícia e deve responder a seis questões básicas: Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê? No entanto, isso provoca nos textos uma ausência de criatividade, elegância e estilo. Por isso, conforme Pena (2006), é preciso fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa.

6. Evitar os definidores primários: eles são os famosos entrevistados de plantão. Aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa. São as fontes oficiais e/ou de autoridade: governadores, ministros, advogados, psicólogos etc. Contudo, especialmente no Jornalismo Literário, é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados.

Garantir perenidade e profundidade aos relatos: Pena (2006) defende que uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das notícias do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo do Jornalismo Literário é a permanência. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação.

Ao longo da produção do livro-reportagem, as sete pontas prescritas por Pena (2006) se fizeram presentes de diferentes formas. A começar pela característica de potencializar os recursos do jornalismo, esse aspecto do Jornalismo Literário foi atendido no momento em que a autora se debruçou sobre um arsenal de conteúdos acerca do tema abordado, procurando diferentes fontes e autores para garantir uma prévia compreensão do cenário no qual iria adentrar. Além disso, ao longo da produção do livro-reportagem, fez uso de entrevistas extensas e aprofundadas, que se seguiram por meses de apuração e checagem em campo; analisou, de maneira atenta, a realidade das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social. E, a todo momento, manteve uma abordagem ética frente às fontes e envolvidos no trabalho.

A autora também ultrapassou os limites do acontecimento cotidiano ao escolher um tema atemporal, como é o caso das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social. Ainda que sejam necessárias medidas urgentes do Poder Público para acabar com a desigualdade social, nada vai apagar ou excluir as histórias das pessoas que vivem ou já viveram nessas condições. Por isso, trazer à tona esse passado e aprofundar-se no relato de uma vida inteira é também uma forma de romper com a periodicidade e a atualidade tão presentes no Jornalismo contemporâneo.

Sobre a terceira ponta, a visão ampla da realidade foi proporcionada ao passo em que a autora procurou compreender e aprofundar-se em diferentes aspectos dos personagens

estudados, bem como do contexto vivenciado. Além disso, para além dos perfis elaborados, contou-se também com apuração cuidadosa, confrontando diferentes secretarias do Estado e do Município, a fim de inserir no livro-reportagem informações que descrevam a realidade vivenciada pelas fontes. Com esse levantamento em mãos, foi possível evidenciar que muito ainda precisa ser feito quanto ao enfrentamento da vulnerabilidade social. Ademais, uma vez que as narrativas foram contadas em um cenário de pandemia, a temática da Covid-19 também foi abordada, trazendo informações sobre decretos estaduais, medidas de combate à doença e campanha de vacinação contra o novo coronavírus.

Ao escolher produzir um livro-reportagem com relatos de pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, a autora pensou, primeiramente, em como essa iniciativa poderia contribuir com o processo de potencializar essas vozes tantas vezes abafadas. Trazer à tona tudo que há por trás dessas vidas socialmente invisibilizadas é também uma forma de exercer plenamente a cidadania. Isso porque, no momento em que se aborda esse assunto, conseqüentemente, provoca-se uma reflexão acerca da luta e da resistência de quem não tem acesso a condições básicas de sobrevivência. Ser jornalista é mais que simplesmente contar uma narrativa; é, acima de tudo, usar essas histórias para ser agente transformador. Cobrar, denunciar e mudar vidas.

Durante toda a produção do livro-reportagem, a autora se permitiu romper as correntes burocráticas do lide, dando aos seus textos um enfoque criativo e literário. Abrindo mão da estrutura convencional dos textos jornalísticos informativos contemporâneos, a história foi contada utilizando técnicas literárias de construção narrativa, de modo a fornecer um significado mais profundo para o leitor e incentivar o uso da imaginação para visualizar as situações. Alguns exemplos de técnicas focadas no estilo e que foram empregadas são metáforas, símiles, personificação, imagens, hipérboles e aliterações. Já com foco no enredo, utilizou-se história de fundo e flashback em alguns momentos.

A respeito da sexta ponta do Jornalismo Literário, este livro-reportagem evitou os definidores primários e priorizou, como principal objetivo, as vozes socialmente silenciadas. Para isso, não trouxe à tona vozes de sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica. Do contrário, abriu espaço para, como orienta Pena (2006, p. 8), “ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados.”

Por último, compreendendo a sétima ponta, a autora realizou um trabalho com foco em garantir perenidade e profundidade aos relatos. Ou seja, fugiu-se do efêmero ou superficial e

procurou aprofundar-se nas histórias contadas pelas fontes. Ainda que os relatos sobre cada pessoa tenham partido do próprio personagem, procurou-se, nesse processo, mergulhar por todas as áreas da vida do indivíduo e trazer à tona aspectos que remetessem ao passado, presente e futuro, da maneira mais ampla possível.

No que diz respeito à temática abordada neste trabalho, ela ancora-se no conceito de invisibilidade social. Gachet (2007) explica que ser invisível é sofrer a indiferença, é não ter importância na sociedade. Isso ocorre porque o indivíduo culturalmente cego (que não vê os invisíveis) transita e se mistura constantemente com os invisíveis, mas ignora seu potencial transformador e sua capacidade de aceitação e entendimento. Trazendo esse debate para o contexto atual, percebe-se que ele culmina também na reflexão sobre a vulnerabilidade social, cuja existência é alicerçada e perpetuada, dentre outros fatores, pela prática da invisibilidade social.

Para entender sobre os indivíduos que estão nessa situação de exclusão e falta de representatividade e oportunidades, é importante frisar que a vulnerabilidade social pode ser causada por diversos fatores. Nesse aspecto, a organização da sociedade civil sem fins lucrativos (OSC) Politize!³ traz uma extensa explicação sobre o assunto, baseada em Cançado, Souza e Cardoso (2014), que separam os indivíduos em grupos: vulnerabilidade juvenil, vulnerabilidade na área da saúde, marginalização e exclusão, e vulnerabilidade territorial. A seguir, com base nos apontamentos dos autores e da explicação da OSC Politize!, abordaremos com mais detalhes sobre três deles:

- 1. Vulnerabilidade na área da saúde:** esse grupo contempla as pessoas expostas a riscos e danos para a saúde. Além disso, também considera a probabilidade de uma determinada comunidade ou área geográfica ser afetada por uma ameaça ou risco de desastres. Ainda, ao falarmos da vulnerabilidade na saúde, pesquisadores reconhecem que os grupos com piores condições socioeconômicas têm uma carga maior de doenças, tanto crônicas (doenças contínuas ou com tratamento mais longo), como agudas (doenças com tratamento mais curto). Esses grupos também sofrem maior número de acidentes domiciliares ou urbanos, têm menor acesso aos cuidados de saúde e esses cuidados, quando prestados, têm menor qualidade.
- 2. Marginalização e Exclusão:** nesses grupos, estão indivíduos que vivem em moradias precárias, possuem baixo nível de renda e educação, estão submetidos ao subemprego

³ <https://www.politize.com.br/>

ou desemprego, e enfrentam desorganização familiar e falta de participação social. Além disso, carecem de assistência social ou recebem uma assistência incompleta.

- 3. Vulnerabilidade territorial:** esse grupo é composto pelas populações marginais que se concentram nos núcleos urbanos sem planejamento e estão sujeitas a discriminação social. Como consequência, esses indivíduos contam com uma estrutura precária, baixa qualidade de vida e carregam o estigma da população periférica. Nesse contexto, é mais provável a manifestação de violência, desemprego e tráfico nas cidades.

Ao passo que se compreende esses aspectos, levanta-se também a preocupação com o contexto atual. Em 2020, a crise global causada pelo novo coronavírus escancarou a maneira como a má gestão governamental de um país frente à pandemia impacta determinados grupos sociais de forma assimétrica. Foi necessário que uma doença com dimensão mundial atingisse a humanidade para que parte da sociedade descobrisse que outra parte dela é formada por “invisíveis”, os quais sofrem, mais intensamente, as consequências da realidade pandêmica, como é o caso da população em situação de rua e moradores de comunidades. Os personagens descritos neste trabalho retratam bem esse cenário. Nos relatos, há quem não possui casa e, por isso, sobrevive nas ruas; e há quem, ainda que tenha casa, vive em regiões precárias sem acesso às condições básicas de sobrevivência. Em todos os casos, os perfilados enfrentam a vulnerabilidade social e sofrem com a ausência de políticas públicas eficazes, especialmente no contexto de pandemia.

Como citado anteriormente, o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), divulgado em dezembro de 2020, mostrou que o Brasil é o oitavo pior em diferença de renda. Com a pandemia, a situação se agravou ainda mais. No Brasil, de 2018 para 2020, houve um aumento de 27,6% entre a população que vive em situação de fome no país: quase 9 milhões de pessoas a mais, segundo o Segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19. A pesquisa ainda mostrou que 55,2% da população brasileira sofrem alguma ameaça ao direito aos alimentos.

A problemática é antiga. Em 2017, por exemplo, a pesquisa Síntese de Indicadores Sociais (SIS), produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelou que cerca de 50 milhões de brasileiros, o equivalente a 25,4% da população da época, vivia na linha de pobreza. Na região Nordeste, a situação era ainda pior, já que 43,5% da população se enquadram nessa faixa. Corroborando com a análise, o Censo Demográfico de 2010 mostrou

que 6% da população do país (11.425.644 pessoas) moravam em aglomerados subnormais (ocupações irregulares para fins de habitação em áreas urbanas).

Trazendo a análise para o âmbito do Rio Grande do Norte, percebe-se que, por anos, a realidade das pessoas em situação de rua foi negligenciada. Isso porque, por muito tempo, não se soube precisar o quantitativo de pessoas vivendo nas ruas. A obscuridade sobre esse contexto dificultou, portanto, a implantação de políticas públicas voltadas para essa parcela da população. Somente em 2021, ano em que este trabalho é produzido, o Estado, sob a gestão da governadora Fátima Bezerra (PT), teve a iniciativa de, pela primeira, realizar o censo da população em situação de rua no RN. A pesquisa, que está em curso, é coordenada pela Secretaria de Estado do Trabalho, da Habitação e da Assistência Social (Sethas/RN) e conta com ações de natureza investigativa e interventiva diretamente voltadas às demandas desse segmento em território potiguar.

Sem o resultado desse levantamento, a Sethas/RN explicou não ser possível indicar com precisão o percentual de potiguares sem ter onde morar. De toda forma, em consulta à Secretaria Nacional do Cadastro Único (Secad) do Governo Federal, a secretaria estadual conseguiu informar que, em junho de 2021, havia 1.106 pessoas vivendo em situação de rua no Rio Grande do Norte. No contexto de Natal, capital do estado, a Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (Semtas/Natal) também esclareceu não haver precisão quanto aos dados, mas mostrou que, segundo o mais recente relatório do Departamento de Informação, Monitoramento e Avaliação (Dimaps), realizado em julho de 2020, estavam inseridos na base de dados do Cadastro Único para Programas Sociais 732 pessoas identificadas em situação de ruas na capital.

Abrangendo a análise desse cenário e inserindo aspectos de renda, constatou-se que, de acordo com os dados do Cadastro Único do Governo Federal, do ano de 2021, mais de meio milhão de pessoas vivem em situação de baixa renda no Rio Grande do Norte. Ou seja, 669,9 mil potiguares sobrevivem com uma renda mensal de até meio salário mínimo. Desse quantitativo, mais da metade (372.737 pessoas) vive em extrema pobreza, com até R\$89 por mês.

Em Natal, observa-se, ainda, que os efeitos da pandemia atingiram sobremaneira a população em situação de rua. Em dezembro de 2020, o Portal G1 noticiou que o número de pessoas que moram nas ruas de Natal cresceu 650% durante a pandemia. Segundo o jornal, um levantamento da Secretaria Municipal de Habitação, Regularização Fundiária e Projetos

Estruturantes (Seharpe) revelou que cerca de 3 mil pessoas têm a rua como moradia na capital potiguar. Estimativa superior à apresentada nos dados do Governo Federal. Esse número, de acordo com a secretaria, era de 400 no início da pandemia, revelando um aumento de 650% de pessoas nessa situação durante o ano de 2020.

As pessoas em situação de rua se somam a outras famílias que também sofrem com a falta de moradia digna na cidade. Segundo o Governo do Estado, a mais recente estimativa do IBGE aponta que o déficit habitacional é de cerca de 40 mil moradias em Natal e na Grande Natal. De acordo com a Seharpe, atualmente, 93 mil pessoas estão inscritas em programas habitacionais esperando imóveis na cidade.

3 Metodologia

A fim de trazer embasamento teórico, esta pesquisa utilizou, em um primeiro momento, a metodologia denominada pesquisa bibliográfica. Conforme define Gil (1994), esse tipo de método possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto.

Dessa forma, para a concepção deste trabalho e fundamentação teórica, foram utilizadas diversas referências, tais como: no âmbito jornalístico, o autor Nilson Lage (2005), que conceitua e caracteriza o gênero reportagem; Edvaldo Pereira Lima (1995 e 2014), que traz significativas contribuições quanto ao livro-reportagem e esclarece aspectos sobre perfis jornalísticos; Felipe Pena (2006), que propõe uma definição de Jornalismo Literário por meio

da conceituação da estrela de sete pontas; Cláudia Lago (2007), que traz elucidações sobre a pesquisa etnográfica; e Gil (1994), que conceitua a pesquisa bibliográfica.

Já com relação à temática abordada, pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, buscou-se o psicólogo Samuel Gachet (2007), que dá uma visão geral do que vem a ser o termo invisibilidade social; a organização da sociedade civil sem fins lucrativos (OSC) Politize!, que traz uma extensa explicação sobre o assunto, baseada nos autores Cançado, Souza e Cardoso (2014), no artigo “Trabalhando o conceito de vulnerabilidade social”; além das informações estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e da Secretaria Municipal de Habitação, Regularização Fundiária e Projetos Estruturantes (Seharpe), que demonstram, por meio de dados, a realidade das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social no Brasil e em Natal.

Para a fase de produção do livro-reportagem, foram utilizadas técnicas jornalísticas de apuração. Nessa etapa, o método etnográfico entrou em cena para ajudar no processo. De acordo com Lago (2007), o método etnográfico pressupõe uma relação específica com o trabalho empírico de campo, sendo marcado pelo olhar do pesquisador sobre o grupo que estuda.

A etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. Ela exige um “mergulho” do pesquisador, ou seja, não é um tipo de pesquisa que pode ser realizada em um período muito curto e sem preparo. É fundamental, como etapa anterior à etnografia propriamente dita, um levantamento bibliográfico sobre o tema, a partir da leitura de clássicos e de outros estudos contemporâneos sobre o assunto e afins. Isso porque o pesquisador precisa estar minimamente “iniciado” no seu tema. Precisa saber o que já se disse e escreveu sobre o grupo escolhido antes de “entrar” nele. Saber quais as dificuldades e os riscos que vai encontrar. (LAGO, 2007, p. 100)

Ainda de acordo com Lago (2007), o método etnográfico constitui-se de três principais etapas a serem seguidas ao longo da pesquisa: levantamento bibliográfico e leitura do material coletado, elaboração de um diário ou caderno de campo e, finalmente, a entrada no campo. Guiando-se por esses passos, para este trabalho, inicialmente, coletou-se informações acerca das pessoas em situação de rua, bem como a compreensão da temática envolvendo o grupo a ser estudado. Em seguida, realizou-se um planejamento para a entrada em campo, o que incluiu a elaboração de perguntas norteadoras, aquisição do material a ser utilizado e a

preparação do caderno de campo para servir como instrumento de registro de toda a vivência. Por fim, ocorreu a entrada em campo. Como define Lago (2007, p. 101), “trata-se da inserção do pesquisador no grupo. E aí encontraremos uma infinidade de possibilidades e variáveis que na realidade estão mais relacionadas ao universo pesquisado”.

É nesse sentido, em meio à imersão no universo pesquisado, que se concentra a observação participante e todas as demais etapas dessa metodologia. Para Lago (2007), além da entrevista propriamente dita, o método etnográfico também incita a observação participante, sobre a qual a autora esclarece:

Este termo significa que antes de mais nada o cientista social não se coloca ingenuamente, ou pelo menos não deve se colocar, em relação a sua presença no grupo. Ele deve estar atento ao seu papel no grupo. Deve observar e saber que também está sendo observado e que o simples fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo ou o desenrolar de um ritual. Isso não quer dizer que ele também não deva ou não possa participar. (...) Não há uma regra, nem um código rígido de comportamento. Depende da sensibilidade do pesquisador. (LAGO, 2007, p. 103)

Portanto, durante as visitas à sede do projeto Shalom Amigo dos Pobres para conhecer a história das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, fez-se uso das técnicas próprias do método etnográfico, a começar pela observação participante. Nesse primeiro momento, a ideia foi proporcionar uma imersão no objeto de estudo, a fim de voltar o olhar para o outro e identificar aspectos sobre a totalidade das práticas desse grupo social. Para isso, a autora atuou como voluntária em ações realizadas pelo projeto, auxiliando no acolhimento às pessoas e na organização e distribuição das refeições. Nessa etapa de observação participante, procurou-se analisar com maior foco o cotidiano das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social situadas na praça e no bairro onde ocorreram as ações.

Ao longo de toda a apuração, outros procedimentos da pesquisa etnográfica também foram utilizados, como o caderno de campo, com o objetivo de anotar todas as questões que contribuíram para a escolha do grupo, as perguntas que se tinha em mente sobre o tema, e o registro descritivo de tudo o que foi visto e presenciado no momento da apuração. O objetivo era facilitar a posterior elaboração dos perfis e também a produção do relatório técnico. Outro recurso adotado foi a entrevista, cuja finalidade é extrair informações dos personagens e, em paralelo ao processo de escuta, permitir a coleta de dados para a construção do livro-reportagem.

Sobre a entrevista, Lage (2005) explica que ela é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo, podendo ser classificada, a partir do ponto de vista dos objetivos, em diferentes tipos, como ritual, temática, testemunhal e em profundidade. Para este trabalho, houve a predominância do último tipo, em profundidade, que objetiva tratar da figura do entrevistado e da representação do mundo que ele constrói, a fim de elaborar uma narrativa a partir dos depoimentos e impressões do personagem⁴.

Simultaneamente, outras técnicas jornalísticas foram colocadas em prática ao longo deste trabalho. Além das já citadas no método etnográfico - observação, anotações e entrevista -, também foram utilizadas a captação de áudio e imagem (fotografia), com a finalidade de registrar os personagens e o ambiente estudado; e a organização dos apontamentos, que antecede e orienta o processo de escrita. Já na pós-apuração, ocorreu a etapa de elaboração dos textos (perfis) e decupagem e edição dos conteúdos fotográficos captados para, em seguida, contribuir com a ilustração do livro-reportagem.

Já na última fase, ocorreu a editoração do livro-reportagem, que foi realizada por um profissional especializado em diagramação, a partir dos apontamentos e escolhas feitas pela autora da obra. O material produzido conta com os perfis jornalísticos escritos, divididos em capítulos, e as respectivas fotografias dos personagens e de seus ambientes sociais. Nesse sentido, o livro-reportagem foi escolhido como suporte para armazenar os relatos de vida de pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, devido ao processo de leitura proporcionar um contato mais próximo com a escrita e com o imaginário.

Como citado anteriormente, o livro-reportagem também abre espaço para uso de imagens e ilustrações para complementar as narrativas. Portanto, para a personalização deste trabalho no momento da diagramação, além dos perfis disponibilizados em forma de texto, foi possível utilizar outros recursos, como fotos, objetivando aproximar os leitores dos relatos através dos registros fotográficos tanto dos personagens, quanto das ações sociais realizadas pelo Shalom Amigo dos Pobres e da própria ambientação dos lugares visitados. Para isso, a

⁴ As outras classificações de Lage (2005) são descritas da seguinte maneira: Rituais: geralmente breves, com ponto de interesse mais centrado na exposição (da voz, da figura) do entrevistado do que no que ele tem a dizer, como por exemplo entrevistas de jogadores ou técnicos após jogos; Temáticas: abordam um tema sobre o qual se supõe que o entrevistado tem condições e autoridade para discorrer sobre; Testemunhais: relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu.

autora contou com apoio do fotógrafo Ewiton Moura, que atua como voluntário nas ações do projeto e faz a captura dos registros. Ele autorizou a utilização das fotos no livro-reportagem.

4 Processo de desenvolvimento do produto

A escolha pela temática envolvendo as pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social aconteceu ainda no início do curso, quando surgiu o interesse em compreender a realidade vivida pela parcela da população considerada “invisível”. Ao caminhar pelas ruas e observar aquelas pessoas nas calçadas das ruas, nos cruzamentos das avenidas, surgia uma inquietação pessoal quanto à desigualdade social enfrentada por elas. A ausência de oportunidades, o desemprego, a fome e mais uma série de fatores contribuem para esse cenário. É preciso, portanto, ouvir o que essas pessoas têm a dizer. É preciso abrir espaço para que elas sejam vistas, não só pela população como um todo, mas especialmente pelo Poder Público.

Diante dessas questões que nos rodeiam e inspirada pelo livro ‘A Vida que Ninguém Vê’ (2006), de Eliane Brum, veio a decisão de abordar o tema das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Uma vez escolhido o tema, foi chegada a hora de contactar um(a) possível orientador(a). Já no primeiro momento, pensou-se na professora Janaina Barcelos, com quem havia um contato na disciplina de Projeto de Pesquisa em Comunicação e Jornalismo, no ano de 2019, e com cuja didática, organização e metodologia houve identificação.

No segundo momento, traçou-se uma estratégia para alcançar a população em situação de rua e/ou vulnerabilidade de maneira segura, especialmente levando em consideração o contexto pandêmico enfrentado. Após realizar algumas pesquisas preliminares, chegou-se ao projeto social Shalom Amigo dos Pobres, que realiza um trabalho de acolhimento e entrega de alimentos a pessoas em situação socioeconomicamente vulnerável. O contato foi realizado com o coordenador, Tennessee Mendes, que se mostrou, desde o início, bastante solícito em auxiliar a ir ao encontro das fontes.

Inicialmente, a produção deste trabalho ocorreu no semestre de 2020.2, mais precisamente em meados de fevereiro de 2021. As primeiras entrevistas foram realizadas nesse período, contudo o avanço da pandemia levou à necessidade de pausar a produção do TCC. A retomada ocorreu apenas no semestre seguinte (2021.1), no mês de junho.

4.1 Primeiras entrevistas⁵

A primeira entrevista aconteceu em uma segunda-feira, no dia 08 de fevereiro de 2021, às 16 horas. O ponto de encontro inicial foi na praça Padre João Maria, em frente à Antiga Catedral, no bairro Cidade Alta, centro de Natal. Durante os dias que antecederam o encontro, procurei me preparar da melhor forma possível para a ocasião. Li alguns materiais sobre o assunto, assisti a alguns vídeos de abordagem a pessoas em situação de rua, elaborei as perguntas que iriam me guiar naquela conversa e recebi as orientações da professora Janaina. Na segunda-feira pela manhã, cheguei à conclusão de que seria importante eu levar comigo um gravador de voz, uma vez que seria um equipamento mais discreto e também mais seguro para não perder o material coletado.

No dia e horário marcados, saí de casa com meu irmão - que me deu muito suporte em todo o processo -, buscamos Tennessee e fomos para o Centro da Cidade. O local, onde há uma praça e onde costumava funcionar o projeto, estava relativamente vazio. Tennessee nos levou para outro ponto próximo dali. Enquanto caminhamos cerca de cinco minutos até a Rua João Pessoa, ele explicou a dinâmica daquele lugar, abordando questões sobre o tráfico de drogas na região e o conflito entre facções criminosas como o PCC e o Sindicato do RN.

Ao chegarmos à outra avenida, o cenário começou a mudar. A quantidade de pessoas em situação de rua era ainda maior. E isso contrastava com o ritmo frenético do Centro, no qual o comércio funcionava a todo vapor e os carros transitavam apressados pelas ruas estreitas. Na calçada de um estabelecimento fechado, havia uma espécie de ocupação, com colchões, lençóis, papelão, baldes, bolsas e pessoas. A maioria homens, jovens. Na lateral da calçada, cruzando a rua principal, havia um beco, onde funcionava a venda e consumo de drogas.

Paramos em frente a um banquinho de madeira instalado na calçada. Era ali o nosso ponto de encontro com a entrevistada. Mas, para nossa surpresa, ele estava vazio. Rapidamente, Tennessee encontrou uma outra pessoa, que seria entrevistada em outra data, mas não haveria problema em adiantarmos. Trata-se de Wagner Rodrigues Silvério, de 51

⁵ A partir deste momento, tomamos a liberdade de conduzir o relato na primeira pessoa do singular, o que é menos usual em textos acadêmicos, por se tratar não apenas de um relato técnico, mas um relato de experiência.

anos. Antes de começar a entrevista, expliquei detalhadamente a proposta e realizei os trâmites referentes à autorização de uso de nome e imagem. Eu havia levado a autorização impressa, para que os entrevistados pudessem preenchê-la e assiná-la. Nossa conversa durou cerca de 1 hora e 20 minutos.

O barulho dos carros, das buzinas, das pessoas transitando na calçada, do comércio existindo tornou-se a trilha sonora do nosso diálogo. Felizmente, eu me senti tão imersa na história que toda aquela movimentação ao nosso redor não atrapalhou. Conheci a história do Wagner, que há mais de 30 anos trabalha como chaveiro, mas foi na rua onde se sentiu realmente livre. Homem de coração apaixonado, já teve muitas mulheres em sua vida e chorou bastante ao falar especialmente de uma delas. A nossa conversa (Anexo C) fluiu bem e fiquei grata por ter encontrado um entrevistado disposto a falar. Confesso que meu medo inicial era que as pessoas ficassem retraídas ao falarem sobre suas histórias. Mas, a primeira experiência positiva me mostrou que, na verdade, eles têm muito a falar. Basta apenas de alguém disposto a ouvir.

Ao chegar em casa, fiz o backup dos arquivos (áudio e foto) para não correr o risco de perdê-los. Organizei pastas no Google Drive destinadas a cada entrevista, acompanhadas das datas em que cada encontro ocorreu. Cheguei à conclusão que ficaria mais fácil ter um controle dos dados coletados. Além disso, os áudios do gravador de som estavam em formato WAV, sendo convertidos para MP3 para facilitar o trabalho com eles. Fiquei bastante feliz por constatar que, por ter usado um microfone de lapela no momento da entrevista, a voz da fonte ficou bem nítida e os ruídos externos não atrapalharam a compreensão do que foi dito. Fiz o mesmo processo com todas as demais entrevistas que ocorreram em seguida.

O segundo dia, 09 de fevereiro de 2021, foi destinado à entrevista com Maria Barbosa Dias, de 69 anos, apelidada carinhosamente de Tia Maria. Cheguei pontualmente às 16 horas ao local marcado, mas não a encontrei por lá. Fui acompanhada do meu pai. Sentamos no mesmo banquinho de madeira e aguardamos. Dessa vez, o coordenador do Shalom Amigo dos Pobres, Tennessee Mendes, chegaria um pouco atrasado. Enquanto esperava a chegada de Tia Maria, conversei com algumas outras pessoas que ali estavam na tentativa de conhecer melhor a realidade a qual estávamos explorando.

Alguns minutos depois, vi a idosa se aproximar, a passos lentos, do banco em que estávamos. Nos cumprimentamos e iniciamos a nossa entrevista. Ela disse que mal sabia assinar o nome, então preferiu que a autorização para uso da imagem fosse feita por meio de

vídeo - uma alternativa que minha orientadora, professora Janaina, sugeriu para os casos em que as fontes não sabem escrever. Assim o fiz. Gravei o vídeo com Tia Maria, que foi repetindo pausadamente minhas instruções.

Nossa conversa durou quase duas horas. Notei que, por causa da idade, já não se lembrava de muita coisa. Também percebi que tinha dificuldade para formular algumas linhas de raciocínio. Mas, apesar de tudo, enxerguei nela o esforço para responder com clareza as perguntas que eu fazia. Algumas vezes, inclusive, foi necessário reformular o questionamento de modo que ela pudesse compreendê-lo.

O Jornalismo exige, antes de tudo, um cuidado com a escuta. Não basta apenas ouvir, é preciso saber escutar e compreender. O repórter precisa se adaptar a cada entrevistado, despir-se de preconceitos para poder acolher o outro. Além disso, estar aberto a novas alternativas de abordagem, a fim de tornar o processo de troca ainda mais eficiente, também faz parte da profissão. No caso de Tia Maria, ajustes foram necessários e, no final, deu tudo certo. A conversa (Anexo C) fluiu bem e saí da segunda entrevista bastante satisfeita. Novamente, realizei os trâmites para armazenamento seguro do material coletado.

Na quarta-feira, dia 10 de fevereiro de 2021, aconteceu mais uma entrevista. No mesmo horário e ponto de encontro, conheci a história de Vera Lúcia de Oliveira, de 70 anos. Ao chegarmos à calçada, já avistei de longe Tia Vera Lúcia sentada no banquinho de madeira, com sua bengala ao lado. Abriu um sorriso ao nos ver. Acomodei-me no banco ao seu lado e iniciamos nossa conversa (Anexo B). Antes, porém, fiz os trâmites para autorização do uso do nome e da imagem dela. Ao olhar para aquela senhorinha, baixinha e magrinha, tive a sensação de que a conhecia de algum lugar. Nossa conversa foi bastante agradável. Ela gostava de falar e tinha uma ótima memória, o que facilitou muito para compreender sua história. Dava para ver no olhar de Tia Vera o quanto ela era forte. Por trás daquele rosto marcado pelo tempo, havia 70 anos de muita superação. Morte da mãe, traição do marido, bebê encontrado no pé da porta, câncer no útero e até atropelamento... Tanta história em uma só vida.

Olhando no fundo de seus olhos, lembrei-me de onde a conhecia. Ela me lembrava, na verdade, a minha falecida avó materna, que curiosamente morreu devido a um câncer no útero, o mesmo que acometeu Tia Vera Lúcia. A minha avó, Maria das Dores Alves de França, era exatamente como minha entrevistada: baixinha, magrinha e forte. Mas as semelhanças não eram só físicas. As histórias também eram muito parecidas. Mais uma vez

tive que segurar o choro ao me dar conta da coincidência. Queria abraçar aquela senhorinha como se fosse minha avó Maria. Mas, por causa da pandemia, também tive que conter o abraço.

Só que, de alguma forma, me senti abraçada sem ao menos nos tocarmos. O olhar dela, ao me contar suas histórias, me confortou. Senti que ganhei outra avó. E assim nos despedimos, com a promessa de que eu iria visitá-la no seu quatinho alugado, para que eu pudesse provar dos seus famosos salgados - que coincidentemente era a comida que minha avó sempre preparava quando eu ia visitá-la. Meu coração ficou apertado com tamanha coincidência, mas, ao mesmo tempo, muito feliz e grato pela oportunidade de conhecer a Tia Vera Lúcia.

Em muitos momentos ao longo dessa experiência, a subjetividade do jornalista ganhou espaço. Essa é uma prática recorrente e bem aceita no Jornalismo Literário, cuja abordagem permite maior liberdade de condução. Por vezes, como aconteceu no relato sobre Tia Vera Lúcia, o repórter também pode incluir-se como personagem, atentando-se sempre para que o protagonismo da narrativa permaneça com o entrevistado.

4.2 Adiamento do TCC

Saí da minha terceira entrevista com a certeza de que voltaria no dia seguinte para conversar com a próxima fonte. Infelizmente, não foi o que aconteceu. Estávamos na semana do Carnaval e, como o comércio da Cidade estaria fechado, a quarta entrevista precisou ser adiada. Ficamos de marcar uma nova data assim que possível. No entanto, os dias se passaram e, fatalmente, não havia possibilidade de retorno. Isso porque a segunda onda da Covid-19 chegou de maneira avassaladora ao Rio Grande do Norte e tudo precisou fechar novamente. Decretos foram publicados e um novo toque de recolher veio à tona. O medo da doença, que ainda não tinha ido embora após um ano de pandemia, reacendeu intensamente. Não queria colocar nem meus entrevistados, nem a minha família em risco.

Àquela altura, a vacina ainda não era uma realidade e a incerteza sobre a imunização me fez optar pela pausa. Não podia mais me expor nas ruas, não naquele momento. O tempo corria e o semestre não iria me esperar. Os prazos estavam cada vez mais curtos e, portanto, precisei tomar decisões complicadas. Essa foi a hora de pensar primeiro na vida. Não era seguro continuar. Por isso, tomei a decisão de cancelar a produção do meu TCC no semestre de 2020.2 e adiá-lo para o período letivo seguinte, se assim fosse possível.

Entrei em contato com a minha orientadora, a professora Janaina Barcelos, expliquei toda a situação e ela prontamente acolheu a minha decisão. A empatia da professora naquele momento me reconfortou. Realizei os procedimentos para o cancelamento do componente curricular junto à coordenação do Curso de Jornalismo e aguardei o fim daquele semestre.

Durante esse período, vi grandes amigos - com os quais convivi ao longo da graduação - apresentando os TCCs e encerrando este importante ciclo de suas vidas. Fiquei imensamente feliz por eles e vibrei como se fosse comigo. No fundo, confesso, queria estar sentindo o mesmo que eles: a felicidade por uma conquista alcançada e o alívio por um trabalho concluído. A minha hora chegaria e, enquanto não chegava, precisei lidar com a ansiedade e a frustração por algo sobre o qual eu não tinha controle.

4.3 Recomeço

Ao longo dos meses que se seguiram desde o cancelamento da minha matrícula anterior até o período seguinte (2021.1), não consegui tocar no meu TCC. A pandemia seguia firme e, embora a vacinação estivesse avançando, eu não tinha ânimo nem segurança para retomar as entrevistas. Então achei melhor apenas esperar o início do novo semestre e tentei recarregar as energias para dar continuidade a essa atividade. Eis que o calendário apontou a proximidade do mês de junho de 2021. Era chegada a hora de recomeçar a produção do meu TCC. Com as energias renovadas e a meta de que desta vez daria certo, atualizei o meu projeto de pesquisa, enviei para a minha orientadora e realizamos novamente a matrícula do TCC, desta vez para o semestre 2021.1.

Senti-me animada e empolgada com esse recomeço. Atualizei o meu cronograma de atividades, planejei os próximos passos e entrei em contato com Tennessee, coordenador do Shalom Amigo dos Pobres, para retomar o acompanhamento às ações do projeto. Ele explicou que, no momento, não estavam com um ponto fixo para a distribuição dos alimentos - como ocorria anteriormente - e, portanto, as ações aconteciam na praça Padre João Maria, atrás da antiga Catedral de Natal, na terça e quinta-feira à tarde, com a entrega de lanches, e, aos sábados pela manhã, com a entrega de almoços. Combinei de encontrá-lo na quinta-feira, dia 24 de junho de 2021, às 15 horas, para dar continuidade às entrevistas.

Chegamos ao ponto de encontro. Fui acompanhada do meu irmão. Enquanto aguardávamos a chegada do coordenador e dos demais voluntários, iniciei o processo de observação participante, característica típica da pesquisa etnográfica. Desta vez, eu poderia participar da ação como voluntária, de modo a tornar ainda mais empírica a minha imersão. Passei alguns minutos observando, de longe, a movimentação das pessoas em situação de rua naquele local. Eram numerosos, alguns sentados nos bancos, outros no chão. Carregavam mochilas, sacolas e alguns também guardavam garrafas de bebidas.

Poucos minutos se passaram e vi Tennessee se aproximando em um carro pequeno. No interior, dava para ver as caixas de isopor onde guardavam os lanches. Na mala, os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) utilizados pelos voluntários, o que incluía macacões brancos e as face-shields para que pudéssemos usar e evitar possível exposição ao coronavírus. Além de apenas entrevistar um dos personagens, eu participaria da ação em si

(Anexo E). Era, portanto, um processo de escuta, mas também de imersão naquela realidade, aspectos relevantes no método etnográfico aplicado à prática jornalística.

Tennessee nos passou algumas orientações. A ação do projeto consistia em, no primeiro momento, ir ao encontro daquelas pessoas na praça e conversar, ouvir, acolher. Por ser uma iniciativa religiosa, também havia oração. Em seguida, haveria distribuição dos lanches. Contando comigo, éramos sete voluntários naquela tarde. A quantidade de pessoas na praça, porém, era o dobro. Com caderno e caneta na mão, aproximei-me de uma mulher de aproximadamente 40 anos que estava sentada em um dos bancos.

Essa foi certamente a entrevista mais difícil de todo o processo de construção do livro-reportagem. Isso porque, enquanto conversávamos, presenciei a minha entrevistada ser agredida por um homem que aparentemente se tratava de seu companheiro e estava alcoolizado. Antes da agressão, houve um princípio de confusão entre ele e um outro rapaz. Nessa hora, o coordenador do projeto, Tennessee, e os demais voluntários se aproximaram para acalmar os ânimos. Mas, sem que pudéssemos prever, o homem correu até a minha entrevistada e deu um tapa em seu rosto. As pessoas que ali estavam o seguraram rapidamente e o levaram para longe. Confesso que me assustei com aquela cena e, ao mesmo tempo, senti-me impotente. Uma mulher tinha acabado de ser agredida ao meu lado e a minha vontade era protegê-la de tudo aquilo. A agressão foi rápida e inesperada, de modo que ninguém pôde coibi-la a tempo.

Ainda assustada, mantive-me com a mulher a todo momento. Esquecendo-me dos protocolos de prevenção à Covid-19, abracei-a na tentativa de protegê-la. O coordenador do projeto e os demais voluntários conseguiram afastar o homem da praça e impedir que algo mais grave pudesse acontecer. A orientação do projeto, nesses casos, é tentar manter uma postura tranquila para contornar a situação. Como muitas das pessoas atendidas estão sob efeito de álcool ou drogas, é necessário que saibamos lidar de maneira pacífica para evitar maiores conflitos.

Eu sentia medo. Mesmo assim, reuni as poucas forças que me restavam e levei a minha entrevistada para um banco mais distante. O agressor já tinha ido embora, então os ânimos foram se acalmando aos poucos. O coordenador do projeto e os voluntários conseguiram apartar a confusão e voltaram a realizar a ação com as demais pessoas ali. Enquanto isso, eu seguia com a minha entrevistada. Ela estava inquieta e um pouco confusa. Perguntei se ela se sentia à vontade para continuar e ela respondeu que sim. Porém, notei que

a linha de raciocínio não se completava. Continuei nossa conversa, mas sem saber ao certo se aquele diálogo resultaria em algo concreto.

Àquela altura, eu já não me importava mais com o fato de a entrevista render ou não. Só queria estar ao lado daquela mulher para que nenhum outro mal pudesse atingi-la. Durante o jornalismo imersivo, não há como descartar o risco do envolvimento do repórter com a história presenciada. Nesse caso específico, eu não somente presenciei ou ouvi o relato sobre determinada ação, mas efetivamente participei dela. Por isso, em situações como a que ocorreu com essa entrevista, pode-se inserir na própria construção narrativa a experiência vivenciada - seja ela positiva ou não.

Refletindo sobre isso, voltei para casa com a folha do caderno em branco, o gravador sem nenhum áudio e a minha memória repetindo as cenas que eu acabara de viver. Precisei analisar com calma o que seria feito com aquela história. Por algumas semanas, a dúvida habitou em mim. Eu precisava decidir se iria inseri-la ou não neste trabalho. Após muito refletir e contando com o apoio da minha orientadora, achamos por bem incluir o capítulo. Não dava para passar uma borracha e fingir que nada tinha acontecido. Meu único cuidado, portanto, seria não citar o nome da vítima e não trazer à tona elementos que a identificassem. Percebi, na prática, que escrever também é uma forma de denúncia. A impotência que me atingiu no momento da agressão se transformou em vontade de mudar essa realidade. Minha memória não me deixa fugir do papel de testemunha. Organizo-me para, assim que possível for, contactar o projeto para tentarmos uma maneira de denunciar o caso, oficialmente, aos órgãos competentes.

Dois dias depois, retornei ao mesmo local. Dessa vez, era uma manhã de sábado, dia 26 de junho de 2021, e o foco da ação era a distribuição de almoços. Acordei cedo, coloquei papel, caneta e o gravador de áudio na bolsa e parti rumo ao Centro da Cidade. Meu irmão novamente me acompanhou. A equipe do Shalom Amigo dos Pobres já havia comentado que, aos sábados, a movimentação era mais intensa e havia mais tempo para conversar com as pessoas atendidas. Isso me deixou bastante entusiasmada, pois imaginei que conseguiria facilmente ouvir boas histórias naquele dia.

A ação foi coordenada pela missionária Adriana Vasconcellos, que me acolheu com bastante alegria. Realizamos os mesmos procedimentos como da outra vez e deixei que a rua me mostrasse o entrevistado do dia. Wladimyr Paiva Burlamaqui, de 44 anos, mais conhecido como Faísca, foi com quem primeiro esbarrei. Expliquei para ele o propósito do meu trabalho

e realizei os trâmites referentes à autorização de uso de nome e imagem. Apertei o play do gravador de voz e, assim, seguimos por horas conversando sobre a vida daquele homem que carregava no peito uma cruz de madeira e um terço. De militar da Marinha a presidiário, Wladimyr tinha um extenso relato de sobrevivência. Dos males com que se envolveu, segundo ele, o alcoolismo era o motivo da sua destruição. Não à toa, durante a nossa conversa, ele parou duas vezes para beber doses de cachaça. Por outro lado, olhando em meus olhos, ele repetiu inúmeras vezes que seu maior sonho era se livrar daquele vício para fazer a cirurgia de retirada da hérnia inguinal que o acometia há cerca de três anos.

Um aspecto importante observado nesse relato é que, durante o processo de checagem, não foi possível verificar a veracidade de um conflito armado na África do Sul, envolvendo militares brasileiros, no período relatado pelo entrevistado. No material disponibilizado digitalmente pela Marinha do Brasil, não foram encontrados registros de algum episódio dessa natureza. No entanto, optou-se por ser fiel ao relato apresentado por Wladimyr, uma vez que é assim que ele narra sua trajetória, é assim que ele se conta, e inserir no livro-reportagem a informação citada - mas sempre evidenciando tratar-se de algo contado pelo personagem.

Envolvei-me tanto nas reviravoltas da história de seu Wladimyr, que não vi o tempo passar (Anexo D). A movimentação ao nosso redor estava intensa e as filas para a entrega das refeições começaram a se formar. A maioria das pessoas que ali estavam comemorava a oportunidade de comer a feijoada feita com muito carinho pela cozinheira voluntária do Shalom Amigo dos Pobres. Era um sábado diferente e, para mim, especial. Olhei para seu Wladimyr e agradei a oportunidade de ouvi-lo. Não via a hora de chegar em casa e escrever tudo que havia escutado naquela manhã. O relato tinha sido forte, sofrido, mas muito necessário. Despedi-me dele e segui para ajudar na entrega dos almoços (Anexo A).

Por volta das 12h30, a ação foi finalizada. Teve almoço para todo mundo e nos restou o sentimento de missão cumprida. Recolhemos os lixos do local, guardamos os materiais e finalizamos com uma oração. Agradei o acolhimento daqueles voluntários e prometi que voltaria em breve para mais uma manhã de entrevistas. Despedimo-nos e retornei para casa planejando em minha mente todas as páginas que nasceriam daquela experiência.

Uma semana depois, no dia 03 de junho de 2021, voltei ao mesmo ponto de encontro. Nesse dia, realizei a sexta e última entrevista. Como na semana anterior, acompanhei a equipe do Shalom Amigo dos Pobres na entrega dos almoços. Ao nos aproximarmos, vimos que já havia outro grupo religioso realizando uma ação social com as pessoas que ali viviam.

Tratava-se da Comunidade Católica Lumen. Faziam um momento de louvor, oração e acolhimento, para posterior entrega de café da manhã. Sob orientação da coordenadora do Shalom Amigo dos Pobres naquela ocasião, Adriana, unimo-nos a esse grupo e participamos juntos da ação.

Em dado momento, ao final da oração, um dos coordenadores propôs uma apresentação coletiva, para que todos pudessem se conhecer. A primeira a espontaneamente se apresentar foi uma senhorinha de casaquinho marrom, que parecia bastante animada com a interação. Todos a aplaudiram e ela abriu um sorriso tímido. Tratava-se de Sandra Barbosa de Almeida, de 52 anos, por quem meus olhos e curiosidade foram atraídos. Esperei as apresentações terminarem para me aproximar dela e iniciar a minha coleta de dados.

Enquanto isso, conversei com algumas pessoas que ali estavam, sem muita pretensão, mais para conhecer aquelas diversas realidades. Quando os grupos se dispersaram pela praça, notei Sandra sentada na calçada ali perto, tomando o seu café da manhã. Fui ao encontro dela e perguntei se poderia me sentar ali. Ela assentiu e iniciamos nosso diálogo. Troquei algumas palavras e vi que havia abertura para a entrevista. Então expliquei a minha proposta e ela aceitou participar. Passamos quase uma hora conversando sobre a vida, sobre o que a trouxe até ali e sobre o quão dura e sofrida foi a sua trajetória. Ela não sabia ler nem escrever, então não tinha como assinar a autorização para uso de imagem. Com isso, optei por gravar um vídeo no qual ela permite a utilização da sua história e da sua imagem no meu trabalho.

Após a nossa conversa regada a lágrimas e sorrisos, me despedi porque havia chegado a hora da entrega dos almoços. Juntei-me à equipe para auxiliar na organização das filas e das entregas. Tinha bastante gente, mas mais uma vez a quantidade de quentinhas tinha sido o suficiente. Todo o alimento era feito por meio de doações, então era gratificante saber que, mesmo na dificuldade, havia sempre o que oferecer para aquelas pessoas que chegam a passar dias sem comer. Fizemos a distribuição e finalizamos mais um dia de ação. Agradei novamente a oportunidade e retornei para casa novamente com a sensação de dever cumprido.

4.4 Processo de escrita, revisão e diagramação do livro-reportagem

Quando iniciei a preparação para a produção deste livro-reportagem, planejei coletar histórias de, pelo menos, dez personagens. No entanto, com o avanço dos dias e o curto prazo do semestre remoto, precisei reduzir essa quantidade para seis. Dessa forma, ao realizar a sexta entrevista, concluí a parte de coletas de dados e segui para a escrita dos perfis. Eu já contava com todas as entrevistas decupadas e organizadas em uma pasta no Google Drive, porque, sempre que retornava de um dos encontros, minha primeira ação, ao chegar em casa, era organizar os arquivos e transcrever as entrevistas. A ideia, desde o início, foi não acumular tarefas e, assim, agilizar o processo.

Com tudo devidamente decupado, iniciei a escrita dos perfis. A princípio, meu objetivo era contar, em formato de perfis jornalísticos, as histórias de vida dos personagens. Contudo, no decorrer dessa etapa de escrita, a minha orientadora, professora Janaina, sugeriu inserirmos também o relato de experiência que eu já havia escrito à parte após cada encontro. Dessa forma, o meu processo imersivo também ganhou as páginas do livro, funcionando como uma espécie de fio condutor entre um perfil e outro. Percebi que, com isso, ganhei mais liberdade para expor a subjetividade sobre cada história que ouvi e assim pude desfrutar, mais ainda, das características do Jornalismo Literário. A narrativa, portanto, acolheu o relato imersivo, ao passo em que se construía os seis perfis jornalísticos.

Para ativar o meu lado criativo, transformei o meu ambiente de produção em algo inspirador. A luz à penumbra e as velas aromáticas foram grandes aliadas nisso. Na mesa, coloquei os livros de jornalistas que são referências para mim, como Eliane Brum, para que eu lesse minhas páginas favoritas sempre que a criatividade me fugisse. Além disso, nomes da Música Popular Brasileira (MPB), como Belchior, Maria Gadú, Legião Urbana, dentre tantos outros, embalaram meu processo criativo e viraram a trilha sonora do livro-reportagem que nascia no meu notebook.

Escrever, para mim, é muito mais que uma simples técnica. Acredito que tem a ver com aptidão, mas principalmente com sensibilidade. O desafio do processo de escrita envolve sentir o que ouviu, pensar nas palavras certas, combiná-las entre si e transformar tudo isso em uma grande história. Uma história que carregue verdade, emoção e reflexão. Para isso, é importante ouvir não só o que vem de fora, mas especialmente o que vem de dentro.

“Escrever é dar para o mundo sua versão de dentro”, dizia um post que li dia desses em uma rede social. Penso que é isso que dá sentido à escrita.

Por vezes, durante o processo de produção deste livro-reportagem, emocionei-me com cada história contada. Fui do riso ao choro em muitos momentos. Um misto de sentimentos e sensações me invadiu no processo de escrita e eu espero que seja igualmente sentido por cada um que aceitar desbravar as páginas desta obra intitulada “Quando As Ruas Falam: Histórias de vidas extraordinariamente reais”.

A respeito da escolha do título, a ideia nasceu da necessidade de anunciar para o mundo as vozes que, por muito tempo, foram socialmente abafadas. Vozes de quem sobrevive nas ruas da cidade e que têm tanto a dizer. Por meio dos relatos de suas histórias, mostra-se que, nas ruas e na literatura da vida real, também há pessoas extraordinárias e importantes. A inspiração para o título e subtítulo deste livro emana de uma análise de Eliane Brum (2006), em seu livro “A Vida que Ninguém Vê”:

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro - embora ache que essa seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. (BRUM, 2006, p. 187)

Uma vez finalizado o livro-reportagem, passou-se pelo processo de revisão. Para isso, contei com apoio da professora e jornalista Janaina Barcelos, que realiza a orientação deste trabalho, e também da professora Célia Maria de Medeiros, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Com a revisão feita, encaminhei o documento para a editora Caule de Papiro, com sede em Natal, para que fosse realizada a diagramação e demais processos de editoração (ISBN, código de barras, ficha catalográfica). Considerando que, ao longo da graduação em Jornalismo na UFRN, não temos uma disciplina voltada para a aprendizagem da diagramação e editoração de livros, tomamos a decisão de confiar essa etapa a um profissional qualificado, sempre sob a orientação e opinião da autora.

Para ilustrar as páginas que introduzem cada capítulo, contou-se com o apoio do fotógrafo Ewiton Moura, voluntário do projeto Shalom Amigo dos Pobres, que realiza os registros fotográficos das ações e cedeu o uso das imagens. Devido aos prazos curtos do

semestre remoto, o livro-reportagem editado será anexado à versão final e apresentado na banca examinadora.

5 Conclusão

A conclusão deste trabalho perpassa também o encerramento de uma importante etapa da vida: a graduação em Jornalismo, pela UFRN. Como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), recorreu-se à análise da realidade das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social no âmbito da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Utilizando o Jornalismo Literário como guia, alcançou-se o objetivo geral de produzir um livro-reportagem com histórias de vidas de pessoas atendidas pelo projeto social Shalom Amigo dos Pobres, cujo recorte serviu como foco deste trabalho.

Ao longo do processo, pretendeu-se responder à seguinte pergunta norteadora: “O que há por trás das vidas que ninguém vê?”. Para isso, seguiu-se objetivos específicos como a visita à sede do projeto Shalom Amigo dos Pobres, a observação do cotidiano das pessoas assistidas pelo projeto, a identificação de possíveis fontes para a produção do livro-reportagem, a entrevista com as fontes, conduzindo o processo de escuta para temas como histórias de vida, dores, conflitos, medos, inseguranças, experiências e sonhos, o registro todos os relatos por meio de recursos jornalísticos (texto, áudio e foto), a investigação do contexto social e econômico, bem como os desafios da desigualdade social.

Como resultado dessa série de etapas, nasceu o livro-reportagem intitulado “Quando as ruas falam: Histórias de vidas extraordinariamente reais”, o qual conta com histórias reais de seis personagens: Wagner, Tia Maria, Tia Vera, Wladimy, Sandra e a moça bonita do rosto de boneca - cujo nome foi omitido por questões éticas, além do relato narrativo imersivo da autora durante a experiência em campo.

Neste TCC, as hipóteses inicialmente levantadas foram comprovadas à medida em que se adentrou na realidade pesquisada. Em primeiro ponto, evidenciou-se que as pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social têm muitas histórias para contar, fato verificado pelas mais de seis horas de entrevistas armazenadas no gravador de áudio. Além disso, confirmou-se que esses grupos sofrem por se sentirem abandonados pela sociedade e poder público, reconhecem que, na maioria das vezes, são invisíveis à sociedade, visto que esses foram aspectos citados por todos os entrevistados.

Também observou-se que os relatos de vida dessa população evidenciam a desigualdade social existente no Brasil, demonstrando problemáticas como fome,

desemprego, violência, consumo de drogas e ausência de moradias. Outras hipóteses validadas ao longo da pesquisa se referem ao fato de, apesar das dores, os personagens testemunharem depoimentos de resiliência e também o papel fundamental empregado pelos projetos sociais, a exemplo do Shalom Amigo dos Pobres, na assistência a essas pessoas.

Cada qual com suas particularidades, as pessoas entrevistadas expuseram os desafios enfrentados diariamente nas ruas da capital, a dificuldade para sobreviver em meio à vulnerabilidade social e fizeram uma viagem ao passado para revelar os caminhos que as trouxeram até aqui. Esse processo, entre outras coisas, possibilitou um novo olhar desses personagens sobre suas próprias histórias, retirando deles o estigma da invisibilidade social e situando-os como porta-vozes de si e de seus semelhantes.

Para a autora, a construção deste livro-reportagem, desde a idealização, passando pela ida à campo, até chegar ao processo de escrita, representa uma contribuição imensurável para a formação como jornalista. O TCC, ainda que temido, é uma importante etapa de encerramento do ciclo acadêmico. Para a sua elaboração, exige-se uma série de conhecimentos e técnicas adquiridos ao longo de toda graduação.

Nesse caso em específico, foi preciso colocar-se diante de entrevistados em situação de vulnerabilidade, escolher a melhor forma de abordagem e entender a maneira mais eficaz e ética de extrair todas as informações. Além disso, para a construção narrativa, recorreu-se às noções de gêneros jornalísticos, bem como à escrita criativa estimulada e lapidada durante todo o curso.

Pedindo licença para recorrer à primeira pessoa do singular, preciso registrar, ainda, não somente o ganho profissional desta experiência, mas especialmente o ganho humano. No capítulo de apresentação do livro-reportagem, faço questão de frisar a seguinte reflexão: “Viver o jornalismo me fez mais humana. Viver a humanidade me fez verdadeiramente jornalista”.

Penso que essa frase resume toda a minha graduação e, certamente, a elaboração deste trabalho. Ir ao encontro das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade atçou em mim a necessidade de, cada vez mais, usar a minha profissão como um instrumento de luta pelo direito à vida - o que inclui, inerentemente, o direito humano de ter uma existência digna.

A dor que senti, no momento em que escutei cada um dos relatos aqui apresentados, traduz a urgência em se implementar políticas públicas eficazes para suprir a carência de moradia, emprego, alimentação, saúde e tantos outros aspectos básicos da vida comum.

Anseio que toda a experiência vivenciada não seja em vão, de modo que eu possa, brevemente, utilizar o alcance do jornalismo para alçar novos voos rumo à equidade social.

Sobre esse último conceito, a OSC Politize!⁶ explica que o princípio da equidade exige o reconhecimento das desigualdades existentes entre os indivíduos para assegurar o tratamento desigual aos desiguais na busca da igualdade. Há, então, uma necessidade de conferir a determinados grupos uma proteção especial e particular em face de sua própria vulnerabilidade. O equitativo é, portanto, considerado o mais justo, não de acordo somente com a lei, e sim como uma correção da justiça legal que não deixará lacunas sociais – pois irá prever particularidades e diferenças não observadas pelo tratamento generalizado da lei.

Essas medidas se baseiam na igualdade (pois possuem respaldo nas leis) e, de forma compensatória, asseguram a equidade ao estimularem a inserção, inclusão e participação política dos grupos sociais vulneráveis nos espaços sociais por meio de diferentes auxílios. Dessa forma, as políticas de cunho equitativo são uma forma de garantir a inclusão e inserção ao asseguram o direito à igualdade e o direito à diferença por meio de ações afirmativas. (POLITIZE!, 2020, n.p.)

Outrossim, no contexto da comunicação, considerando a utilização do jornalismo como estratégia não somente de denúncia, mas também de difusão, as histórias contadas no livro-reportagem “Quando As Ruas Falam” podem funcionar como um instrumento de conscientização acerca da invisibilidade social e da desigualdade social que afeta a parcela mais vulnerável da população, ao passo que evidencia a busca pela equidade social.

Além disso, a construção deste produto experimental é também uma maneira de valorizar as narrativas mais aprofundadas, indo de encontro à velocidade da produção de conteúdo que existe atualmente nas redações de jornais, a qual acaba por reduzir a qualidade dos produtos jornalísticos. Este estudo pode, ainda, servir de pontapé para novas análises acerca desse contexto, com a possibilidade de trazer novos personagens e garantir ainda mais heterogeneidade às narrativas.

Ademais, quanto aos planos futuros, pretende-se que esta pesquisa não fique somente nas quatro paredes da universidade. Almeja-se que “Quando As Ruas Falam” ultrapasse os muros da UFRN e ganhe espaço na casa (e no coração) das pessoas. Para isso, vislumbra-se a impressão de exemplares desta obra, bem como a disponibilização da versão digital na Internet, para que seja possível alcançar cada vez mais leitores, cumprindo-se a máxima de

⁶ <https://www.politize.com.br/igualdade-equidade-e-justica-social/>

Mário Quintana: “Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.”

Referências

BRUM, Eliane. **A Vida Que Ninguém Vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CANÇADO, T. C. L.; CARDOSO, C. B. S.; SOUZA, R. S. Trabalhando o conceito de Vulnerabilidade Social. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 19., 2014, São Pedro. **Anais [recurso eletrônico]**. São Paulo: Abep, 2014. p. 4-17.

Disponível em:

http://www.abep.org.br/~abeporgb/abep.info/files/trabalhos/trabalho_completo/TC-10-45-499-410.pdf Acesso em: 22 jan. 2021.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf. Acesso em: jan. 2021.

GACHET, Samuel. **Entrevista: Samuel Gachet**. 2007. Disponível em:

<http://discutireducacao.blogspot.com/2007/06/entrevista-samuel-gachet.html>. Acesso em: 31 mai. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

BARRETO, Julianne; ERYYS, Leonardo; GOMES, Augusto César. Número de pessoas que moram nas ruas de Natal cresce 650% durante a pandemia, diz prefeitura. **G1 RN**, Natal, 03 dez. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/12/03/numero-de-pessoas-que-moram-nas-ruas-de-natal-cresce-650percent-durante-a-pandemia-diz-prefeitura.ghtml>. Acesso em: 22 jan. 2021.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Relatórios de Informações Sociais**. Brasil: 2021. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Riv3/geral/relatorio.php#>. Acesso em: 21 ago. 2021.

PENA, Felipe. O Jornalismo Literário como gênero e conceito. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2021

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Human Development Report 2020: The Next Frontier Human Development and the Anthropocene**. Estados Unidos: ONU, 2020. Disponível em: <http://report.hdr.undp.org/index.html>. Acesso em: 22 jan. 2021.

POLITIZE! **Vulnerabilidade Social: o que significa esse conceito?** 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/vulnerabilidade-social/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

POLITIZE! **Igualdade, Equidade e Justiça Social: o que significam?** 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/igualdade-equidade-e-justica-social/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

REDE PENSSAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil**. Brasil: 2020. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/olheparaafome>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SHALOM AMIGO DOS POBRES. **Sobre o projeto**. Natal: 2020. Disponível em: <http://www.amigodospobres.org/natal/sobre-o-projeto.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

WORLDMETERS. **World Population**. 2021. Disponível em: <https://www.worldometers.info/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

Anexos

ANEXO A - AÇÃO DO SHALOM AMIGO DOS POBRES



Fonte: Ewiton Moura

ANEXO B - REGISTRO DA ENTREVISTA COM TIA VERA



Fonte: Júnior Moura

ANEXO C - REGISTRO DAS ENTREVISTAS COM WAGNER E TIA MARIA



Fonte: Júnior Moura

ANEXO D - REGISTRO DA ENTREVISTA COM WLADIMY



Fonte: Ewiton Moura

ANEXO E - VOLUNTÁRIOS DO SHALOM AMIGO DOS POBRES



Fonte: Ewiton Moura